

**Entre festejos, tradições
e disputas de memória:**
as comemorações dos 500 anos da
Reforma Protestante no Brasil em 2017

**Among celebrations, traditions
and memory disputes:**
the celebrations of the 500 years of the
Protestant Reformation in Brazil in 2017

**Entre celebraciones, tradiciones
y disputas de memoria:**
las celebraciones de los 500 años de la
Reforma Protestante en Brasil en 2017

João Paulo Rodrigues¹
Submissão: 05/11/2023
Aceite: 20/04/2024

Resumo

Este artigo tem como tema as comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil, em 2017, acontecimento que, a despeito de sua importância, foi pouco pesquisado até aqui. Nesse sentido, valendo-se de fontes abrigadas em sites oficiais, confessionais e de imprensa, pretende-se caracterizar a comemoração em algumas de suas linhas fundamentais, discutindo, ainda, os significados conferidos a ela por seus organizadores principais. Da análise empreendida resulta que, para além da formalidade protocolar, a comemoração assumiria sentidos conjunturais mais amplos, os quais se articulariam às correlações de forças e disputas religiosas e políticas que se agitavam no país naquela ocasião.

Palavras-chave: reforma protestante; 500 anos; comemoração; Lutero; memória

Grande área: Ciências Humanas – Área: História do Brasil; História do Brasil República

Abstract

This article has as its theme the celebrations of the 500th anniversary of the Protestant Reformation in Brazil, in 2017, an event that, despite its importance, has been little researched so far. In this sense, using sources housed in official, confessional and press websites, it is intended to characterize the commemoration in some of its fundamental lines, also discussing the meanings conferred to it by its main organizers. From the analysis carried out, it is clear that, in addition to protocol formality, the commemoration would assume broader conjunctural meanings, which would be articulated with the correlations of forces and religious and political disputes that were stirring in the country at that time.

Keywords: protestant reformation; 500 years; celebration; Luther; memory.

Major area: Human Sciences – **Area:** History of Brazil; History of the Brazilian Republic.

João Paulo Rodrigues { Entre festejos, tradições e disputas de memória:
as comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil em 2017 }

Introdução

Esteve longe de passar despercebido, nos diferentes territórios alcançados pelo cristianismo, o episódio que simboliza os 500 anos da grande cisão promovida por Lutero no seio da Igreja Católica. Com maior ou menor preparo, a celebração da “década de Lutero” ressoaria em todos os continentes, fossem eles de maioria cristã ou sorvidos por outras religiões e crenças (Han, 2017; Oliver; Oliver, 2021).

Na Alemanha, palco inaugural da Reforma, diversas iniciativas seriam postas em cena – e com enorme solenidade – no interregno de outubro de 2008 a outubro de 2017. O feriado no dia em que o reformador teria afixado as 95 teses na igreja do castelo de Wittenberg, o pronunciamento reverencial da chanceler Angela Merkel, a realização de exposições e espetáculos musicais, a inauguração de obras artísticas e cerimônias ecumênicas, quase sempre com a presença de líderes religiosos e turistas de diversos lugares, seriam apenas algumas das ações ali promovidas, que, entretanto, nos dão a medida da importância conferida à ocasião.

Em que pese a maioria católica, o Brasil também não ficaria indiferente às comemorações internacionais da data. Registros diversos – aos quais voltaremos um pouco adiante – testemunham um vívido engajamento de setores e atores variados na rememoração festiva, abrangendo desde pequenas cerimônias em igrejas luteranas de cidades menores a megaeventos de grupos evangélicos distintos nas capitais; de homenagens públicas em câmaras municipais a condecorações solenes no congresso nacional; de minisséries e produções audiovisuais de viés confessional a emissão de selos ou exposições de perfil secular e alcance nacional.

Nesse sentido, o propósito do presente artigo é contribuir para o estudo dessas comemorações relativas ao quinto centenário da Reforma, enfocando especificamente aquelas que aconteceram no Brasil em 2017. Afinal, como os 500 anos da Reforma Protestante foram celebrados nesta parte do mundo? O que significou, por aqui, falar em (ou por) Lutero meio milênio depois?

Com efeito, é oportuno desde o início esclarecer que as contribuições da bibliografia existente – resguardados os seus méritos – são restritas neste

ponto, o que impõe certos limites à proposta apresentada. Há que se reconhecer, por um lado, que o ensejo do Jubileu da Reforma mobilizaria diversos pesquisadores, cujas reflexões seriam vertidas em algumas coletâneas de textos e, principalmente, em artigos e dossiês de revistas especializadas. Um dos exemplos é a obra “Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico”, a qual reúne textos que versam sobre “eixos temáticos considerados marcantes na presença política, social, cultural e educacional de igrejas tradicionais e pentecostais no Brasil” (Silva; Santos; Almeida, 2020). Já dentre os dossiês, pode-se citar “Reforma Protestante: 500 anos”, lançado em 2017, no periódico “Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião”, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ou “Protestantismos e História: a propósito dos 500 anos da Reforma Protestante”, que saiu em “Fronteiras”, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em 2017, ou ainda “Reforma Protestante”, na “Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea”, da Universidade de Brasília (UnB), também em 2017. Dentre os artigos incluídos nos dossiês ou em seções livres de revistas, encontram-se estudos como “A hermenêutica ecumênica da fé cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero” (Wolff, 2017) ou “Sobre a excomunhão de Lutero e sua possível revogação” (Von Sinner, 2019).

Por outro lado, por mais oportunas que tenham sido essas investidas, em nenhuma delas a comemoração por si só foi objeto de análise. Tratava-se, em geral, de investigações destinadas a tematizar o protestantismo, de sua emergência no século XVI aos papéis desempenhados por ele na contemporaneidade, da Europa a América, das igrejas históricas ao neopentecostalismo e seus desdobramentos. O recorte ora escolhido, por sua vez, perfila-se a outras iniciativas; que enfocam a comemoração em si e que apenas começam a ser desenvolvidas no exterior e no Brasil. O sociólogo francês Jean-Paul Willaime (2017), a exemplo, assim o fez em “O que significa comemorar a Reforma?”, quando submeteu a exame o sentido das celebrações do jubileu em países europeus.

Ainda a título de prólogo, é importante sublinhar também uma segunda dificuldade a ser enfrentada, esta de viés metodológico. Para levar adiante uma proposta como a acima apontada, não é possível circunscrever-se apenas a fontes convencionais, já catalogadas em acervos. O *corpus* documental

fundamental à essa pesquisa provem, eminentemente, de fontes produzidas e hospedadas em páginas da internet, sobre as quais não é demais registrar: diferente dos arquivos físicos tradicionais, que obedecem, por exemplo, a princípios de classificação contextual, seleção e guarda de documentos, os “arquivos digitais” são infinitos “[...] e, porque infinitos [...] nenhuma lógica [lhes] pode ser designada” (Silveira, 2016, p. 35). Podem ser duradouros ou absolutamente efêmeros, conter alguma ordem perceptível ou nenhuma. Em suma, esse tipo de “arquivo” não se constitui com o propósito imediato de ser empregado pelo pesquisador, como ressalta Pedro Silveira (2016, p. 36):

Uma consequência, todavia, é a de que conceber uma narrativa a partir de seus materiais é apenas um efeito secundário, quando não inesperado ou, até mesmo, indesejado, do acesso aos sites [...] seus objetivos se encontram muito longe daqueles da ciência histórica tradicional.

Além disso, a natureza das fontes nesses meios coletadas subordina-se a interesses memoriais e afetivos diversos. Trata-se de leituras de mundo e particularmente da comemoração que, não raro, mantêm o compromisso com a exaltação do fato narrado. Como tal, superdimensionam alguns de seus aspectos, em detrimento de outros; deixam à sombra fatores incômodos; almejam revestir de verdade uma arquitetura que é, por definição, representação, construção ancorada em valores; sinalizam com o real, ao mesmo tempo em que dão guarida à distorção e ao esquecimento (Le Goff, 2013). Por esses motivos, cuidados metodológicos importantes serão a todo momento observados.

Passemos às questões enunciadas.

1 – Os 500 anos da Reforma no Brasil: a comemoração em algumas de suas facetas, ritmos e dimensões

Como já antecipado, a história dos tributos rendidos à data magna da Reforma Protestante começa bem antes deles próprios. No caso do Brasil, em sintonia com a Federação Luterana Mundial (FLM) e com antecedência de seis anos, as duas entidades representativas do luteranismo no país – a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB)² – deixariam de lado suas divergências históricas

para reunirem-se em comissão específica de organização dos festejos. Esta seria a primeira iniciativa concreta de preparação do jubileu.

Fariam parte da comissão, presidida pelo executivo Zenar Eckert, cerca de 28 membros, que não mediriam esforços para “[...] resgatar o legado deixado por Lutero, tendo em vista que [...] As suas ações influenciaram a política, a economia, a educação, a cultura e a ética” (Festejos [...], 2017).

Se sobressai assim, desde o princípio, seja pela antecedência com que são instaurados os trabalhos, seja pela disposição para suplantar as diferenças internas, a importância que é dispensada pelas igrejas luteranas ao acontecimento. Não se admite a possibilidade de realizar uma festa aquém do momento chave que eles entendem avizinhar-se.

Esse zelo tão bem demarcado nas atitudes preliminares da Comissão do Jubileu, além disso, sugere também a existência de algo mais nessas ações. Nas entrelinhas da preocupação com prazos e com a preparação de uma solenidade à altura do feito, talvez, resida um anseio não declarado, ou sequer racionalmente planejado pela Comissão, de antecipar-se não apenas para organizar melhor, mas também para tentar governar a celebração da data. Isso porque, como ensinam os teóricos, tão relevante quanto impedir o esquecimento ou o descaso é vetar possíveis “interpretações equivocadas”, comandar as leituras autorizadas, impor ordem ao tempo da festa e do mundo (Ozouf, 1976), deter o poder de enunciação, de fazer ver e fazer crer (Chartier, 1986). E a quem pertenceria este lugar simbólico nos 500 anos da Reforma senão aos “herdeiros diretos” da tradição enraizada em Lutero?

Fosse esse ou não o propósito da Comissão Luterana, a entrada do ano festivo de 2017, contudo, encarregar-se-ia de levar à erosão toda e qualquer possibilidade de um roteiro único ou um controle centralizado das iniciativas. Uma vez deflagrado o ano do quinto centenário, em paralelo com as ações longamente planejadas pelos luteranos, diversas igrejas, indivíduos e grupos religiosos, autonomamente, desempenhariam incontáveis ações comemorativas.³ Além deles, partidos e bancadas políticas; entidades seculares e órgãos estatais também se envolveriam nos tributos, organizando por si próprios atividades variadas, sem um controle determinado ou centralizado de luteranos ou de outros grupos religiosos.

Esse caráter amplo, multifacetado e, por que não dizer, inesperado assumido pelas comemorações no Brasil em 2017, naturalmente, reduz de maneira drástica as nossas chances de explicar em detalhes, em um espaço tão reduzido de páginas, o conjunto dessas comemorações (o que ainda se agrava quando somado à ausência de outros estudos sobre o assunto). Entretanto, acreditamos que alguns dos elementos fundamentais das comemorações permanecem passíveis de caracterização, mesmo que um tanto breve e sinótica. Nesse sentido, o quadro 1, elaborado a partir de informações provenientes de sites confessionais e de órgãos de imprensa (oficial ou privada),⁴ permite uma visão geral sobre os diversos tipos de ações festivas que seriam encenadas no ano do quinto centenário no Brasil. Observe-se a organização do quadro por categorias de atividades.

Quadro 1 – Atividades comemorativas selecionadas⁵ dos 500 anos da Reforma Protestante

ATIVIDADE	LOCAL	ORGANIZADOR	DATA
Culto comemorativo na Escola Naval, com jogral recontando o primeiro culto	Ilha de Villegagnon/RJ	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil	28/10/17
Culto de Celebração, na Igreja Congregacional 13 de Maio	Campina Grande/PB	OMEBE, VINACC	28/10/17
Culto em comemoração aos 500 anos	Boa vista/RR	IECLB	31/10/17
Culto especial, com orquestra e presença de políticos	Campo Grande/MS	Igreja Batista	31/10/17
Celebração ecumênica durante a 55ª Assembleia geral da CNBB	Aparecida/SP	CNBB	02/05/17
Assembleia Geral do CONIC	Brasília	Católicos, protestantismo	24/08/17
Celebração Ecumênica aos 500 Anos da Reforma (catedral metropolitana)	Porto Alegre/RS	Comissão Diálogo Católica-Luterana	28/09/17

“Marcha para Jesus” Curitiba, “500 anos da Reforma que ainda transforma”	Curitiba/PR	Inter denominacional	20/05/17
Coral de 500 vozes e projetos locais	Anápolis/GO	UniEvangélica	31/10/17
Show gospel com Anderson Freire	Coruripe/AL	Assembleia de Deus	25/11/17
Evento Nacional da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB); várias atrações.	Parque Olímpico Rio de Janeiro	IPB	28/10/17
1ª Conferência Koinonia Jovem: “500 anos da Reforma Protestante”	Natal/RN	Igreja Batista do Calvário e outras	13/10/17
Festejos diversos: concurso de redação, Exposição Museu da Bíblia, espetáculo musical, Marcha para Jesus; Sessão na Câmara de Vereadores	Erechim/RS	Conselho de Pastores e Igrejas; Flavinho Barcellos (vereador);	09 e 10/17
Inauguração Monumento da Reforma, nos jardins da Casa do Comércio	Blumenau/ SC	Luteranos	26/10/17
Reinauguração de rotatória como “Catharina Von Bora”	Limeira/SP	Prefeitura e Luteranos	10/17
Excursão para Alemanha pela ANAJURE (juristas evangélicos)	Alemanha	ANAJURE	24/10 a 01/11/17
Seminário Internacional “Reforma, 500 Anos: Educação, Ciência e Cultura”	São Paulo/SP	MACKENZIE, ULBRA	24 e 25/04/17
Jornada “Religião e Política – 500 anos da Reforma Protestante (1517- 2017)”	São Paulo/SP	Universidade de São Paulo (USP)	23 a 24/11/17

Atividades temáticas em escola	São Leopoldo/RS e outras	Rede Sinodal	2017
Exposição “Lutero: 500 anos da Reforma”	Rio de Janeiro/ RJ e virtual	Biblioteca Nacional	28/12/17 28/02/18
Sessão especial no Senado Federal	Brasília	Senadores	30/10/17
Sessão solene Câmara dos Deputados (Dia Nacional da Proclamação do Evangelho e 500 anos da Reforma)	Brasília	Deputados	31/10/17
Sessão solene Assembleia Legislativa, com coral e entrega de certificados	São Paulo	Deputados	30/10/17
Sessão especial Assembleia Legislativa, com pregação de pastores, cantor gospel e homenagens a 24 pastores	Bahia	Deputados	30/10/17
Sessão solene Câmara Municipal aos 500 anos da Reforma e Dia do Evangélico; homenagem a 25 pastores	Natal/RN	Vereadores	31/10/17
Moção de Aplausos na Câmara de Vereadores pelos 500 anos da Reforma	Aiuruoca/MG	vereadores	06/11/17
Correios de Brasil e Alemanha lançam selo com retrato de Lutero	Brasília	Correios	13/04/17
Lei institui 31 de outubro como feriado municipal: Dia da Reforma	Itanhangá/MT	Câmara Municipal	24/10/17

Fonte: Anajure (2017), Arruda (2017), Movimento [...] (2017), Bahia (2017), Blumenau [...] (2017), Brasil (2017a), Brasil (2017b), Celebração [...] (2017a), Celebração [...] (2017b), Comemorações [...] (2017), Conferência [...] (2017),

Coral [...] (2017), Culto [...] (2017), Lutero [...] (2017), Florentin (2017), Graschberger (2018), Souza e Nunes (2017), Itanhangá (2017), Lições (2017), Aiuruoca (2017), Nunes (2017), Rio [...] (2017), São Paulo (2017), Marques (2017), Teixeira (2017), Valerius (2017),([500 anos [...], 2017]).

Se observada com atenção, a amostragem das atividades consignadas no quadro 1 entrega, de maneira sutil, dados importantíssimos acerca dos aspectos fundamentais da comemoração de 2017, a saber: 1) as principais facetas ou eixos da comemoração, os quais, por sua vez, concentram os promotores e responsáveis pelas atividades; 2) as formas, ritmos e modulações que dão vida aos festejos; 3) os locais onde as comemorações acontecem, permitindo, assim, ter ideia da extensão e do tamanho do acontecimento. Analisemos por partes.

Inicialmente, retomando o já dito acima, percebe-se que a celebração de 2017 está longe de ser monolítica. Pelos dados dispostos no quadro 1, nota-se que ela possui ao menos duas facetas ou eixos principais, que dividem a comemoração, ainda que não de forma simétrica e nem de maneira estanque, nas dimensões confessional-religiosa e político-institucional. Em cada dimensão, conseqüentemente, se aglutinam os artífices das ações.

A faceta confessional ou religiosa, como era de se esperar, aparece com maior frequência na promoção das atividades festivas. Longe de ser una, ela congrega, sem hierarquias pré-definidas, representantes de entidades e igrejas variadas, de evangélicos a católicos – ponto sobre o qual voltaremos um pouco adiante.

Impulsionada por esses atores, a comemoração religiosa se materializa, avocando gama diversificada de formas festivas. São cultos especiais em igrejas evangélicas de diferentes denominações, ritos ecumênicos promovidos por ou com a participação de católicos, shows de música gospel – alguns com cantores de renome no meio evangélico e grande público –, espetáculos de corais e orquestras, desfiles, marchas, carreatas, excursões, eventos nacionais animados com teatro, música e dança, inauguração de jardins, bustos, monumentos e rotatórias, plantio de árvores, almoços e jantares com comidas e bolos, e outros tantos atos confessionais dentro ou fora dos espaços das igrejas. Como exemplos, pode-se citar o evento nacional

da Igreja Presbiteriana do Brasil no Rio de Janeiro, com várias atrações, entre as quais a apresentação do Coral 500 anos (com mais de mil vozes) e público estimado em vinte mil pessoas; a organização de uma excursão para a Alemanha, pela associação de juristas evangélicos; ou a inauguração do Monumento da Reforma em Criciúma/SC (ver quadro 1, para identificação de outros eventos).

Erigida em simultaneidade com essas ações, a dimensão político-institucional da comemoração, por seu lado, ora se aproximaria, ora se distanciaria da faceta confessional-religiosa. Em relação mais próxima, marcam presença os festejos organizados por agentes político-partidários – de variadas legendas –, em órgãos públicos de representação política.

Com efeito, em quase todos os níveis de representação política no Brasil, mesmo que não em todos os lugares, os 500 anos da Reforma seriam lembrados com algum tipo de ato. Diversas sessões solenes em Câmaras Municipais de vereadores (em Natal/RN e Campo Grande/MS, por exemplo), em Assembleias Legislativas estaduais (Bahia e Santa Catarina, entre outras) ou mesmo no Congresso Nacional em Brasília reservariam espaço para homenagens públicas a líderes evangélicos e aos significados da data. Em algumas cidades, inclusive, como Itanhangá/MT, aconteceria a decretação de feriado municipal em memória da Reforma (ver quadro 1, para identificação de outros eventos).

A tessitura da faceta política, contudo, alcançaria ainda outros patamares (Rémond, 2003). A parte às arenas legislativas, irrompem iniciativas em setores que se distanciam sensivelmente da política partidária. Referimo-nos, em especial, às ações de viés institucional e secular, que situam-se na fronteira entre a comemoração e a contra comemoração. Desse modo podem ser classificadas as exposições envidadas por órgãos como a Biblioteca Nacional, o lançamento de selos pelos Correios, os eventos acadêmicos em universidades públicas, como a Universidade de São Paulo (USP), ou, ainda, os dossiês em revistas acadêmicas, estas em geral mantidas por cursos de faculdades públicas e/ou com subsídios estatais.⁶

No caso dos eventos e dossiês seculares, a comemoração chega mesmo a ser ameaçada, dado o caráter “dessacralizante” de disciplinas como a história,

em cujo coração “trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea” (Nora, 1993, p. 9).

Figura 1 – Selo lançado pelos Correios alusivo aos 500 anos Reforma



Fonte: Grashberger (2018).

Os tributos em homenagem aos 500 anos da Reforma Protestante, portanto, têm diferentes facetas e diferentes artífices, que povoam notadamente os campos religiosos e políticos, às vezes misturando-se e em outras demarcando distância.

Um dos momentos importantes de articulação entre as duas facetas pode ser notado na celebração dos 500 anos da Reforma que aconteceu no Parque Barigui em Curitiba, entre os dias 27 e 31 de outubro de 2017. Para a ocasião foram organizadas atividades diversas, incluindo recreações como gincanas, e principalmente apresentações religiosas de música, teatro e dança. Conforme noticia o site do governo do Paraná, ao longo de cinco dias de atividades, teriam comparecido nada menos que 25 mil pessoas ao parque. O destaque ficaria por conta de um espetáculo musical com mais de 600 artistas, o qual encenaria a história da Reforma Protestante. Segundo Martinho Lutero Klemann, maestro que participou das ações: “O espetáculo em si mostra cenas da atuação de Lutero e outros personagens no processo, intercalando músicas e danças. Um coro de 500 vozes. Uma orquestra. Uma banda. Atores. Um grupo de dança. Um Musical!” (Lopes, 2017).

Sob organização das igrejas Luterana do Brasil, Presbiteriana do Brasil e Primeira Igreja Batista de Curitiba – com apoio da Prefeitura de Curitiba, do Conselho de Ministros Evangélicos do Paraná e patrocínio da Fecomércio-

PR –, o evento contaria também com a presença de autoridades políticas da região como Rafael Greca, prefeito de Curitiba, e Beto Richa, então governador do Paraná. Nas palavras do governador, a Reforma “promoveu mudanças que geraram novas tendências em todo o mundo e deram grandes contribuições para a economia e para a liberdade de expressão [...]. O movimento também foi essencial para o fortalecimento da sociedade, principalmente a partir da valorização da família” (Celebração [...], 2017c).

Isto posto, o olhar atento ao quadro 1 desvela ainda informações de outra natureza, que nos ajudam a caracterizar o segundo ponto realçado logo após o quadro, isto é, a amplitude das formas comemorativas e as modulações rítmicas que, distintas, lhes dão substância e corporeidade.

Os exemplos já citados de atividades festivas são pródigos acerca do caráter arrebatado que, na maioria dos momentos, a comemoração envergou. Não seria abusivo, contudo, falar também em comemoração como reflexão compassada, às vezes até silenciosa. No sentido aparentemente mais restrito desta pauta, se notabilizaria – sobretudo na dimensão confessional-religiosa⁷ – um conjunto de ações que vale ressaltar. A seguir, alguns exemplos.

Colégios, como os da Rede Sinodal de Educação, promoveriam numerosas atividades com o tema Lutero 500 ao longo do ano letivo, incluindo palestras, gincanas, concursos de redação, produção artística, divulgação de frases do reformador em painéis na entrada de escolas, plantio de árvores, etc. (Lições, 2017). Referências a atividades também estão presentes no Colégio Americano Batista, em Sergipe, e no Instituto Presbiteriano de Cabo Frio, entre outros. No ensino superior, por sua vez, embora as estratégias de celebração tenham sido diferentes, o ímpeto provavelmente não foi. A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), no Rio Grande do Sul, realizou eventos variados, tais como o curso “Justiça, Direito e 500 anos da Reforma Protestante” e o “Seminário Internacional Reforma, 500 Anos: Educação, Ciência e Cultura”, este último em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. A Mackenzie, por seu turno, também desenvolveu outras ações no decorrer de 2017, como uma exposição e uma série de episódios em vídeo, intitulada “Redescobrimo a Reforma”.

O alcance deste veio “reflexivo” da comemoração se estenderia da infância para faixas etárias e grupos bem mais amplos.⁸ O caso das exposições e

mostras confessionais de 2017, para público variado, é exemplar. Localizamos ao menos doze exposições dedicadas ao mesmo tema, abordando-o, porém, sob ângulos bastante diferentes.

Eis porque falar em comemoração dos 500 anos da Reforma no Brasil é falar em comemorações no plural. A celebração de 2017 afigura-se como um radial de cores, ritmos, intensidades, feições e motivos, que, com diferentes andamentos, se espalha por meses do ano jubilar (para além do célebre 31 de outubro). Ela tem caráter multifacetado e é mais abrangente que o luteranismo oficial,⁹ ainda que articulações em momentos determinados possam ser realizadas.

Um desses momentos – em que o veio reflexivo da comemoração une diferentes artífices – seria a celebração ecumênica ocorrida durante a 55ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na cidade de Aparecida/SP. No sétimo dia da assembleia, em 2 de maio de 2017, na Basílica do Santuário Nacional, teria lugar uma celebração ecumênica das instituições que fazem parte do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), com a presença de representantes das seguintes igrejas: Católica Apostólica Romana, Episcopal Anglicana do Brasil, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Sirian Ortodoxa de Antioquia e Presbiteriana Unida (Celebração ecumênica [...], 2017).

No entendimento de Dom Francisco Biasin, presidente da Comissão Ecumênica e de Diálogo Religioso da CNBB, “a reforma da Igreja perpassou não somente as igrejas evangélicas, mas também a Igreja Católica”. Nesse sentido, afirma: “Nós como CNBB, [...] faremos a celebração comemorativa deste acontecimento que marcou toda a Igreja do Ocidente”. Não se trataria assim de “uma celebração da divisão, mas sim [de] celebrar aquilo que surgiu a partir da reforma. [...]. Atualmente, sobretudo nesses últimos 50 anos, nós passamos do conflito à comunhão com muitas Igrejas” (Moraes, 2017).

Registradas essas considerações acerca da comemoração enquanto reflexão, resta, para completar a visão panorâmica e sintética ora possível, garimpar no quadro 1 o terceiro aspecto a princípio destacado, qual seja a abrangência, em termos territoriais, alcançada pelos festejos. Afinal, qual o tamanho da comemoração dos 500 anos da Reforma no Brasil?

Ainda que uma questão como essas suscite significativas dificuldades, os dados do quadro referido, somados a informações coletadas em outras fontes, permitem-nos uma ideia geral sobre as dimensões da celebração. Ao todo, existem registros de movimentações nos 26 estados do país e no Distrito Federal. Na esfera municipal, ainda que seja uma tarefa impossível mapear a totalidade das ações encenadas, numerosas referências podem ser encontradas. Conforme um levantamento disponível no “Portal Luteranos”, página da internet que hospeda apenas informações reportadas por igrejas desta confissão, teriam ocorrido atividades em 172 cidades diferentes. Mas isso certamente é preciso acrescentar inúmeras outras ações que não chegaram a ser informadas e aquelas realizadas em igrejas interdenominacionais e em outros espaços sociais, o que eleva exponencialmente esta quantia.

Na ausência de dados conclusivos, a menção a dois casos particulares nos ajuda a exemplificar as dimensões da festividade no Brasil de 2017.

A figura 2 refere-se à “Marcha para Jesus”, evento de origem internacional que já acontecia em anos anteriores no país, congregando evangélicos de diversas igrejas, e que em 2017, ao menos em Corumbá/MS, Mogi das Cruzes/SP e Curitiba/PR, teve como tema “500 anos da Reforma que ainda transforma”. As estimativas de participantes apenas na capital paranaense variam entre 50 e 150 mil pessoas, a desfilarem em exultação pelas ruas da cidade.

Figura 2 – Arte de divulgação da Marcha para Jesus em Curitiba



Fonte: ([500 anos [...], 2017]).

Já a figura 3, abaixo, evidencia a expressividade da ocasião não pela quantidade de participantes, mas pelas posições ocupadas por eles no cenário nacional. Temos no canto inferior esquerdo da imagem, fazendo uso da palavra, o pastor sinodal luterano Dalcídio Gaulk e, ao fundo, em segundo plano, a mesa formada por senadores para uma sessão especial que dedicaria destaque aos 500 anos da Reforma.

Figura 3 – Sessão especial aos 500 anos da Reforma no Senado Federal
(31/10/17)



Fonte: Brasil (2017b).

Estes são, portanto, eventos de visibilidade nacional no Brasil de 2017, a respeito dos quais milhões de pessoas receberiam informações em todo o país, o que ilustra a dimensão que ganhou a comemoração do meio milênio do ato inaugural de Lutero nesta porção do continente. Se não teve um organizador único e não conquistou a láurea de um feriado nacional, também muito distante se esteve de mera formalidade ou de um festim corriqueiro. A ocasião foi efetivamente celebrada, em instâncias diversas Brasil afora, envolvendo “a participação concreta de um determinado coletivo”, implicando “na suspensão temporária das atividades diárias” e na “produção de uma determinada identidade entre os participantes” (Guarinello, 2001, p. 971-972).

Situados, assim – dentro dos limites do texto, da abordagem proposta e da ausência de outros estudos –, alguns dos contornos fundamentais da comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil em 2017, passaremos, na próxima parte deste artigo, à uma segunda questão, que ressoa como complemento necessário desta primeira: o que significava comemorar a data para os principais atores que, a despeito de suas diferenças, se empenharam na organização dos tributos à Reforma? Quais eram os sentidos fundamentais atribuídos por eles à comemoração? Em outros termos, comemorava-se para quê?

Com o propósito de introduzir esse relevante e complexo debate, procuraremos evidenciar, nas próximas páginas, a existência de duas ou três leituras sobressalentes por aqui, que se traduziam em tentativas díspares de apropriação da data em 2017, empreendidas nas esferas religiosas e políticas (Chartier, 1986).

2 – Comemorar para quê? Sentidos do Jubileu Luterano no Brasil

2.1 – Entre festejos e disputas: a celebração no cenário religioso

Com efeito, se até aqui nos referimos majoritariamente a “protestantismo” ou “evangélico” no singular foi porque optamos por ceder a uma comodidade explicativa e ainda não nos detivemos em algo fundamental: que grupos confessionais exatamente se encarregavam de promover a comemoração? Os evangélicos como um todo? Esta observação aparentemente banal é, no entanto, essencial, como veremos, para discutir e lançar luzes sobre algumas das leituras e significados atribuídos as comemorações por seus mais engajados artífices.

Examinando-se, com maior atenção e vagar, os dados das exposições e mostras que albergaram Lutero 500 no corpo do protestantismo, desvela-se que as mesmas foram encabeçadas principalmente pela Sociedade Bíblica, por uma universidade confessional e por igrejas do chamado “protestantismo histórico”,¹⁰ como a IECLB e a IPB. As atividades educacionais e os materiais pedagógicos, por sua vez, advieram em maioria de escolas de confissão luterana, presbiteriana e batista. Os cultos, shows, espetáculos artístico-musicais, eventos nacionais e mesmo a presença em solenidades públicas

apontadas no quadro 1 foram ocupações, sobretudo, de igrejas tradicionais, como IECLB, IELB, IPB, Igreja Batista (CBB) e Igreja Metodista.¹¹

Igrejas pentecostais, neopentecostais e não-determinadas não necessariamente ignoraram a data, cabe dizer. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por exemplo, não abriu mão de celebrar um culto solene em um dos pontos simbólicos mais importantes para os evangélicos no país, a Ilha de Villegagnon no Rio de Janeiro, onde teria ocorrido o primeiro culto em terras brasileiras, em 1557. Ainda assim, pelo que se nota nas fontes, a comemoração é abraçada, de fato, por algumas denominações do protestantismo histórico (em especial por luteranos e presbiterianos), que não medem esforços para o seu sucesso. As principais igrejas neopentecostais não aparecem no quadro 1, pois não se destacaram na promoção de eventos comemorativos. Seria apenas porque enquanto os evangélicos de missão identificam no reformador alemão seu fundador, os demais teriam raízes fincadas em outros locais e pais fundadores?

Uma explicação como essas, que à primeira vista parece plausível, não é capaz, no entanto, de impedir a permanência da dúvida. O catolicismo, a exemplo, longe está de ter em Lutero uma de suas figuras angulares, e, contudo, celebrou a data. Além de cerimônias, congressos e publicações efetuadas em memória da Reforma em 2017, o episcopado brasileiro celebrou ecumenicamente os 500 anos da ruptura luterana na 55ª Assembleia da CNBB, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, como vimos. Ademais, a existência de diferentes criadores das igrejas evangélicas não retira de Lutero a condição de fundador do protestantismo no mundo moderno e, portanto, o caráter inclusive estratégico de sua figura como possível ponto de encontro simbólico de distintas igrejas evangélicas – o que, se assim se desejasse, poderia impulsionar a celebração.

Com base na leitura das fontes, acreditamos que as razões para a relativa falta de envolvimento de boa parte das Igrejas pentecostais, neopentecostais e não-determinadas na promoção da comemoração – em contraposição ao engajamento do protestantismo histórico – devem ser buscadas em outro ponto. Ao que parece, há algo mais nessa relação de apego ou distanciamento da celebração do que a identificação com um pai fundador; algo que está relacionado às transformações e correlações de forças no

campo do cristianismo brasileiro do período. Esforçando-nos para filtrar as complexidades desse debate que perpassa vasta bibliografia, vejamos.

É de conhecimento público que o catolicismo segue sendo a Igreja predominante no cenário religioso brasileiro. Também o é que nas últimas décadas outras confissões religiosas avançaram a passos largos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1991 a 2010 a Igreja Católica caiu de 83,3% a 64,6% na preferência dos brasileiros entrevistados, enquanto que as evangélicas elevaram-se de 9% a 22,2% (IBGE, 2010).

Naturalmente, uma transformação de tal envergadura na distribuição das forças religiosas cristãs no país – que levaria estudiosos do tema a falarem em “tendência de mudança de hegemonia entre católicos e evangélicos” (Alves *et al.*, 2017, p. 241) – não poderia acontecer sem que houvesse certa dose de tensão e rivalidade, em especial em relação à Igreja Católica que perdia terreno. O que, talvez, fosse menos esperado era o recrudescimento de divergências internas ao próprio movimento evangélico em ascensão àquela altura. Esta, no entanto, seria uma característica relevante da conjuntura, como apontam André Brandão e Amanda Jorge (2019, p. 81): “[...] a quebra do monopólio que a Igreja Católica mantinha no Brasil enseja a instauração de um mercado religioso no qual resta aberta a livre concorrência pelos fiéis”.

Sobre um dos protagonistas deste “novo” cenário, o chamado neopentecostalismo, valem alguns registros rápidos. A pouco homogênea e complexa vertente religiosa que se formara no país nos anos de 1970/80 e de lá para cá fora se diversificando, conquistando preeminência social e política, acabaria representando, de certa forma, uma “ameaça” tanto ao catolicismo como aos próprios setores evangélicos já existentes. Isso se dava seja por divergências doutrinárias em pontos nevrálgicos, pela conquista de fiéis, ou mesmo por poderes intramundanos, como espaço na mídia, propriedades materiais, influências políticas, etc.

De acordo com Ricardo Mariano, “no afã de superar a concorrência religiosa e de atingir metas evangelísticas as mais ambiciosas”, várias igrejas desta linhagem (mas não todas) adotariam modelos organizativos não coadunáveis com outras denominações históricas:

Algo que pode ser observado já na adoção que, nas últimas décadas, elas vêm fazendo de um modelo de organização e gestão denominacional de molde empresarial, cujo efeito é acentuar ainda mais a concentração e verticalização do poder eclesiástico e a centralização administrativa e financeira. Organização e gestão pouco compatíveis com governos eclesiásticos congregacionais, que, além de descentralizados e, em teoria, democráticos, costumam facultar grande autonomia religiosa e administrativa às lideranças e comunidades locais (Mariano, 2003, p. 115).

O cenário de fundo das comemorações de 2017, portanto, que é o que com isso gostaríamos de chamar atenção, se caracteriza por certa efervescência religiosa. Enquanto se celebra em vários pontos do país, nele também estão sendo disputados lances nada desprezíveis, capazes de posicionar e reposicionar diferentes atores no campo religioso (Bourdieu, 2011). As disputas por posições, ademais, são complexas. Estão além do que a simples polarização “católicos” *versus* “evangélicos” pode dar a entender. Por mais que haja sincretismos, trocas e aproximações (Campos, 2011; Souza, 2015), que não devem ser subestimados, igrejas evangélicas podem concorrer com igrejas evangélicas, católicos podem rivalizar com evangélicos, mas, em determinadas situações, compor com alguns deles, a despeito de outros.

Sendo estas, em grandes linhas, as correlações de forças que se revolvem em segundo plano durante as celebrações aqui narradas, e tendo em conta a indagação que fizemos há pouco, sobre a relação de desapego de uns e apego de outros às comemorações em 2017, algumas possibilidades explicativas podem então ser aventadas. Afinal, insistir nos festejos, como fazem principalmente presbiterianos, luteranos e batistas, não significaria também (ou sobretudo) realizar a defesa da tradição¹² de suas igrejas históricas, que existem há séculos e estão instaladas há tempos no país, ante um outro perfil de denominações religiosas que avança rapidamente naquele momento, e com elas disputa espaços doutrinários, midiáticos e de fiéis, entre outras coisas?¹³ E, de outra parte, abrir mão de celebrar Lutero 500 com maior dedicação, como fazem boa parte das igrejas de outras vertentes, não representaria, noutra direção, certa recusa a ceder ao reformador alemão a condição de baluarte do evangelismo brasileiro?

Nas franjas da documentação analisada, essa aparente ilação se clarifica e ganha contornos mais sólidos. Em uma entrevista concedida à *Deutsche Welle* pelo pastor Cláudio Kupka, por exemplo, membro da IECLB que fazia parte da Comissão do Jubileu, vêm à tona desde a rivalidade que plasmava as relações de igrejas luteranas com “o neopentecostalismo” na conjuntura, até a repulsa de que os 500 anos da Reforma fossem comemorados por ele:

O neopentecostalismo veio depois, não se prendendo tanto a doutrinas e valores morais, mas mais entrosado com o sistema de vida consumista, na busca de êxito pessoal, defendendo a teologia da prosperidade. [...] Isso nos trouxe problemas, pois eles ocuparam espaço na mídia e fizeram o termo “evangélico” ser associado ao que representam. [...] Os neopentecostais rompem com tantos conteúdos básicos da teologia cristã que, a rigor, não podemos considerá-los uma teologia cristã. Se Lutero vivesse hoje, ele provavelmente criticaria os pentecostais e neopentecostais por estarem vendendo salvação. [...] É uma ironia que agora a TV Record, de propriedade da Igreja Universal, vá lançar um seriado sobre Lutero. Justamente a denominação que mais trai os princípios da Reforma vai capitalizar em cima dessa comemoração (Prange, 2017, grifo nosso).

Kupka não é um caso isolado. Entre outros que poderiam ser citados, Mark Carpenter, presidente da Mundo Cristão (editora que não declara confissão religiosa particular), mobilizaria as lições do quinto centenário da Reforma de Lutero para assestar mais um duro golpe na “teologia da prosperidade”:

Essas celebrações não são apenas homenagens; elas também [...] nos lembram de que a fé cristã é mais que um conjunto de rituais inertes. [...] Para lembrar que a graça de Deus não pode ser negociada ou comprada: Uma das acusações mais polêmicas de Lutero foi contra a venda de indulgências pela Igreja. Essas pseudoabsoluções “garantiam” aos compradores que seus parentes falecidos teriam acesso ao céu. Hoje também há igrejas que traficam em teologias da prosperidade, prometendo bênçãos para quem paga. (Carpenter, 2018)

Isto posto, com base na documentação analisada, percebe-se que, para além dos significados estampados em primeiro plano, comemorar a Reforma em 2017 poderia assumir também outros sentidos e motivos, que alentavam os articuladores religiosos da comemoração. Dentre eles se

destaca, como assinalado na entrevista de Kupka, a tentativa de apropriação do célebre fato histórico como uma insígnia de valorização das igrejas de linhagem tradicional – como IECLB, IELB e a IPB –, ante suas principais concorrentes no campo religioso do país no período, as quais, ao menos no interior do movimento evangélico, não parecem fazer questão de disputar o protagonismo na comemoração, e quando o fazem são detratadas. Passemos ao cenário político.

2.2 – Sagrado e profano: os 500 anos da Reforma na arena política

Como se viu na primeira parte deste artigo, para além dos espaços das igrejas, foram encontradas referências diversas de atividades rememorativas em órgãos públicos, em especial os do poder legislativo, como Câmaras de Vereadores, Assembleias Legislativas estaduais, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal. São inúmeras as solenidades nesses locais, com a participação de pastores, corais, músicos e, por vezes, da comunidade evangélica; com homenagens que abrangem da entrega de diplomas e moções de aplauso à decretação de feriados e/ou dias dedicados à memória da Reforma. À vista disso, fica subjacente a questão sobre o porquê de um Estado laico como o brasileiro comemorar, através de seus atores, quase que de maneira oficial uma solenidade de natureza religiosa.

Por mais que se possa argumentar que há nisso uma ação natural de reconhecimento cívico de instituições públicas para com outras religiosas, sabe-se, por outro lado, que no Brasil a interrelação entre política e religião há tempos é estreita e inclui mais do que o reconhecimento. O catolicismo, por exemplo, mesmo após a separação formal entre Estado e Igreja continuou a exercer pressões e influências sobre representantes políticos, nos mais diferentes níveis, como lembra Luiz Gustavo da Silva (2017). Sendo essas relações historicamente tão próximas, senão indissociáveis (Tosi, 2018), é necessário buscar outros caminhos explicativos à ação comemorativa pública, para além do reconhecimento cívico.

Em face de semelhantes complexidades, naturalmente, a resposta exige reflexão e cuidado. A despeito disso, uma primeira possível senda explicativa logo vem à mente: a modificação na distribuição de fiéis entre católicos e evangélicos no Brasil das últimas décadas (a que nos reportamos atrás)

estaria influenciando nas ações estratégicas de partidos políticos em relação ao eleitorado religioso. Isto é, levando em consideração o rápido avanço no número de fiéis evangélicos (em 2010, já seriam 42,3 milhões) e em seu respectivo peso político, as solenidades públicas em diferentes casas legislativas país afora constituiriam ações estratégicas voltadas a um público-alvo eleitoral. Sem deixar de ser apologias verdadeiras da causa, elas representariam afagos político-partidários calculados em um grupo cada vez mais indispensável, eleitoralmente falando.

Sem avançar na polêmica que o argumento comporta, a documentação existente não afasta inteiramente tal leitura. Afinal, se em cidades como Campo Bom/RS a homenagem de 31 de outubro feita pela Câmara Municipal se voltaria às igrejas luteranas, em outros municípios e regiões do país o escopo vai se ampliando, primeiro para as igrejas do protestantismo histórico ou de teologia reformada, como na Assembleia Legislativa de São Paulo, quando se pronunciaram representantes da IELB, IECLB, IPB, Convenção Batista Brasileira (CBB), Fraternidade Teológica Latino Americana (FTL) e A Casa da Rocha, e depois para as diversas denominações evangélicas (incluindo as que não celebraram oficialmente a data), como na Assembleia Legislativa da Bahia, onde recebem homenagens as igrejas Associação Batista de Salvador; Luterana do Brasil; Metodista do Rio Vermelho; Episcopal Anglicana do Brasil; Presbiteriana do Brasil; Convenção Batista Baiana; Batista Missionária da Independência; Convenção Fraternal dos Ministros das Igrejas Assembleia de Deus no Estado da Bahia e Outros; Convenção Batista Nacional; Mundial do Poder de Deus; Sara Nossa Terra; Metanoia; Convenção Estadual da Assembleia de Deus Madureira do Estado da Bahia; Ministério de Madureira no Brasil; Primeira Igreja Batista do Brasil e Assembleia de Deus (Bahia, 2017).

Encarar os evangélicos do período apenas como alvos eleitorais, todavia, implicaria em reduzir demasiadamente a própria inserção política das igrejas evangélicas no Estado, que se operava neste contexto. Com efeito, é bastante conhecida a ascensão político-partidária de grupos religiosos nas últimas décadas no Brasil (ver Pierucci; Prandi, 1996). Seu principal expoente, a Frente Parlamentar Evangélica (também chamada Bancada Evangélica), tem aumentado sucessivamente em número de membros, presença na mídia e relevância política:

Trata-se de um grupo suprapartidário, composto por congressistas ligados a diferentes igrejas evangélicas, tanto do ramo histórico ou de missão como do pentecostal e neopentecostal, que atuariam em conjunto para aprovar ou rejeitar a legislação de interesse religioso e pautar diversas discussões no parlamento brasileiro. [...] A bancada evangélica surgiu com a eleição da Assembleia Constituinte, no final de 1986, já com uma característica bem marcada e que permanece até hoje: não é política nem ideologicamente homogênea, mas é, de forma geral, conservadora (Prandi; Santos, 2017, p. 187).

Sendo a dita Bancada cada vez mais influente, é de se pensar que há mais na aludida comemoração política dos 500 anos da Reforma do que uma dádiva puramente eleitoreira. Referimo-nos à possibilidade de na arena política – diferente do plano confessional, como exploramos há pouco – a comemoração assumir outro sentido; isto é, ao invés de dividir, ser apropriada para tentar superar cisões. Mais do que isso, para afirmar e consagrar a “nova” posição de poder (religioso e político) ocupada pelos evangélicos como um todo no cenário do país.

Há indícios importantes a apontar nessa direção. Na sessão solene aos 500 anos da Reforma, por exemplo, celebrada na Câmara dos Deputados junto com o Dia Nacional da Proclamação do Evangelho – estabelecido pela Lei n.º 13.246, de 2016 – o quinto centenário é tomado pelos parlamentares como data de todos os evangélicos. O deputado Fábio de Sousa (PSDB-GO), nesse sentido, expressa isso em seu discurso com meridiana clareza: “Somos todos filhos da Reforma. Somos todos filhos desse intento. Neopentecostais, pentecostais, tradicionais, conservadores, carismáticos, somos todos filhos daquilo que foi interpretado há 500 anos” (Brasil, 2017a).

A consciência da dimensão do grupo, por sua vez, é registrada pelo coordenador da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional,¹⁴ deputado Hidekazu Takayama (PSC-PR), que pontua: “Em 1980, só 6,6% da população foi declarada evangélica. Já no Censo 2010 [...], 22,2% se declararam evangélicos. O número de cristãos passou de 26,2 milhões, em 2000, para 42,3 milhões em 2010. Houve um aumento de 61,45% em 10 anos” (Brasil, 2017a).

A comemoração deve, por fim, motivar o grupo a agir no presente, como ressalta Onyx Lorenzoni (DEM-RS), contra forças que ameaçariam “nossa liberdade de culto e fé”, ou seja, a posição que ocupam:

Em termos modernos, Lutero lutou contra o sistema corrupto e seus agentes, que, com suas artimanhas, astúcias e perfídias, corrompiam corações e mentes. Nada é tão conhecido, semelhante e atual, nos tempos sombrios em que vivemos, quando a família está sendo destruída pela ideologia de gênero e por aqueles que querem confrontar aquele que é o Deus de amor, que nos dá perdão e esperança.

Portanto, nós temos, sim, que nos inspirar em Lutero e, neste momento, lutar para preservar as nossas crianças e as nossas famílias, porque o preço de termos a nossa liberdade religiosa de culto e fé respeitada é a eterna vigilância. Temos que estar sempre prontos para a luta, assim como Lutero, que teve a coragem e o discernimento de, naquela época, oferecer um caminho à sociedade (Brasil, 2017a).

Portanto, se entre as diferentes denominações podia haver divergências, no plano político a data comemorativa podia ser apropriada para sintonizar o grupo em torno de pautas comuns, celebrar a posição conquistada pelos evangélicos no Estado e na sociedade e defendê-la. A comemoração era, assim, religiosa, mas também política. Daí a insistência no reconhecimento formal do Estado, com cerimônias perpassando Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais país afora.

Cumpre destacar que à frente de tal interpretação “proselitista” encampada na arena política se destacam, notoriamente, os arautos do conservadorismo político-religioso brasileiro. É este, afinal, o ponto central de junção dos segmentos diversos que se alinham na Frente Parlamentar. Como sobrelevam Quadros e Madeira (2018, p. 516),

[...] a mobilização dessas categorias é muito mais reativa do que proativa (configurando aqui mais uma das principais características do conservadorismo), e se dá em função de avanços “intoleráveis” em algumas das “pautas progressistas” no Executivo, no Legislativo e no Judiciário. Bloqueio à expansão dos direitos dos homossexuais e do aborto e recrudescimento da legislação penal: esses são alguns dos principais componentes da agenda em torno da qual surgem sinais mais claros de mobilização, reivindicação e instrumentalização política da identidade de direita no cenário eleitoral e parlamentar no Brasil.

Não à toa, na manifestação do Deputado Onyx Lorenzoni o Lutero chamado à vida é aquele que teria reagido contra as artimanhas, astúcias e perfídias intoleráveis que corromperiam corações e mentes em sua época. Quinhentos anos depois, nesses “tempos sombrios”, caberia aos evangélicos lutar como ele para “preservar as nossas crianças e as nossas famílias”, para ter “a nossa liberdade religiosa de culto e fé respeitada”.

Que não se veja nisso, todavia, a completa superação das contradições dentro da própria Frente Parlamentar e, sobretudo, em relação às denominações evangélicas comentadas na seção anterior. No mesmo dia em que o Congresso Nacional em Brasília enaltecia os 500 anos da Reforma dessa maneira, a Igreja Presbiteriana Independente (IPI) trazia a público, em São Paulo, um manifesto intitulado “Reforma Brasil”. Nele o acontecimento memorável do século XVI tornava-se mote para a exigência de mudanças na organização política do país, ao mesmo tempo em que se dirigia duras críticas à Bancada Evangélica, de forte presença neopentecostal:

A Reforma Protestante representou uma redução da distância entre Deus e os seres humanos, entre o clero e o texto sagrado e os fiéis. E hoje a gente percebe que há um verdadeiro abismo entre os eleitores e seus representantes [...]. Por isso que precisam ser reformados o sistema político e a própria política.

Repudiamos o modelo de atuação da bancada evangélica – ela não contribui e não atua no espírito da Reforma Protestante – quando, por exemplo, se une para tentar emplacar uma medida que isenta ou perdoa as dívidas das igrejas à Receita Federal. Isso é lamentável; o bom testemunho cristão seria pagar as dívidas, e não buscar um jeitinho para contornar a lei justamente àqueles que quebraram a lei e são devedores (Garcia, 2017).

Ao que parece, este é mais um uso da tradição para inserção e ranqueamento na política, não como demonização dessa esfera, mas como uma alternativa ao status quo, na emblemática data de 500 anos da Reforma.

Diante disso, percebe-se novamente aqui, variações de leituras e significados a motivar e alentar os organizadores da comemoração. Na esfera política, se mostram ao menos três posições possíveis: a articulação de manifestações festivas como chamarizes eleitorais (com fartas condecorações públicas em

casas legislativas de todas as regiões do país); como fator de união e afirmação política dos evangélicos no momento do quinto centenário (homenagem da Bancada Evangélica); ou, ainda, como promessa de futuro e renovação (pela IPI).

Considerações finais

Encerrando esta reflexão, torna-se claro que, tal como em outras partes do mundo, as comemorações dos 500 anos da Reforma Protestante no Brasil constituíram bem mais do que mera formalidade pela passagem da data.

Com base em documentação diversificada, procuramos evidenciar ao longo do artigo que, evocada por diferentes grupos e com variados motivos, a celebração memorial do acontecimento por aqui não poderia seguir um único roteiro ou assumir um só significado. A comemoração seria, assim, dividida como é o próprio movimento evangélico no país. Refletindo sobre este termo, Ronaldo de Almeida destacaria que “Muitos destes [evangélicos] destoam do mainstream conservador (cuja atuação política dá-se mais pela via eleitoral) e preferem a militância política mais na esfera da sociedade civil [...] com posicionamentos mais progressistas”. E acrescenta: “Na verdade, evangélico, mais do que em qualquer outro momento de sua história no Brasil, é um termo em acirrada disputa entre os que se autodeclaram dessa forma” (Almeida, 2017, p. 6). Não por acaso, os 500 anos da Reforma inaugurada por Lutero no século XVI tornaram-se palco de acirradas disputas.

Abordada neste artigo por este prisma, que destaca o jogo de apropriações da tradição e da memória, a densidade histórica do acontecimento, entretanto, não se esgota ou evanesce – o que, aliás, não era o propósito. Pelo contrário. O correr dos anos parece mostrar justamente a magnitude de sua complexidade, afigurada na extensão de um fenômeno religioso e político sob cujos efeitos, em grande medida, ainda vivemos.

Referências

[500 ANOS da reforma que ainda transforma]. [Band News FM, Curitiba, 2017]. Disponível em: <https://cdn.bandnewsfmcuitiba.com/band/wp-content/uploads/2017/05/MARCHA-PRA-JESUS-2017.png> Acesso em: 24 jun. 2023.

AIURUOCA. *Moção de aplausos nº 09/2017. Aiuruoca: Câmara municipal, 6 nov. 2017. Disponível em: <http://www.camaraaiuruoca.mg.gov.br/?p=8217> Acesso em: 27 abr. 2024.*

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu, Campinas, n. 50, p. 1-27, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDM3wb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 5 abr. 2024.*

ALVES, José Eustáquio; CAVENAGHI, Suzana Marta; BARROS, Luiz Felipe Walter; CARVALHO, Angelita Alves de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/112180>. Acesso em: 3 nov. 2023.*

ANAJURE. Anajure participa de Conferência da World Reformed Fellowship (WRF) em Celebração de 500 anos da Reforma Protestante. *ANAJURE, Brasília, 24 out. 2017. Disponível em: <https://anajure.org.br/anajure-participa-de-conferencia-da-world-reformed-fellowship-wrf-em-celebracao-de-500-anos-da-reforma-protestante/> Acesso em: 27 abr. 2024.*

ARRUDA, Lucas. Em comemoração aos 500 anos da Reforma Protestante Igreja promove grande culto. *Campo Grande News, Campo Grande, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/em-comemoracao-aos-500-anos-da-reforma-protestante-igreja-promove-grande-culto> Acesso em: 27 abr. 2024.*

BAHIA. Assembleia Legislativa da Bahia. *67ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Salvador: ALBA, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/fserver/:imagensAlbanet:PDFsSessao:splena30101767aEsp1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.*

BLUMENAU ganha Monumento da Reforma no jubileu dos 500 anos. *Portal Luteranos, Porto Alegre, 26 out. 2017. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/blumenau-ganha-monumento-da-reforma-no-jubileu-dos-500-anos-2> Acesso em: 27 abr. 2024.*

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 2011.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. *A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações*. *Revista de Estudios Sociales*, Bogotá, n. 69, p. 79-90, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 16 out. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Discursos e notas taquigráficas*. Brasília: Câmara dos Deputados, 31 out. 2017a. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/discursodireto.asp?nuSessao=329.3.55.O_1. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRASIL. Senado Federal. 500 anos da Reforma Protestante são lembrados em Sessão Especial. *Senado Notícias*, Brasília, 30 out. 2017b. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/10/30/500-anos-da-reforma-protestante-sao-lembrados-em-sessao-especial>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 504-533, 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2011v9n22p504>. Acesso em: 8 ago. 2023.

CARPENTER, Mark. Por que comemorar os 500 anos da Reforma Protestante? *Setem, Mauá*, 4 mar. 2018. Disponível em: <https://setem.com.br/2018/03/04/porque-comemorar-os-500-anos-da-reforma-protestante/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CATÓLICOS e luteranos pedem perdão pela violência nos 500 anos da Reforma. *O Globo*, São Paulo, 31 out. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/religiao/catolicos-luteranos-pedem-perdao-pela-violencia-nos-500-anos-da-reforma-22013448>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CELEBRAÇÃO Católico-Luterana pelos 500 anos da Reforma. *Cese*, Salvador, 2017a. Disponível em: <https://www.cese.org.br/celebracao-catolico-luterana-pelos-500-anos-da-reforma/> Acesso em: 27 abr. 2024.

CELEBRAÇÃO Ecumênica marca 500 anos da Reforma Protestante na 55ª Assembleia Geral da CNBB. *Portal Luteranos, Porto Alegre, 2 maio 2017b. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/celebracao-ecumenica-marca-500-anos-da-reforma-protestante-na-55-assembleia-geral-da-cnbb>. Acesso em: 4 abr. 2024.*

CELEBRAÇÃO marca os 500 anos da Reforma Protestante. *Agência Estadual de Notícias, Curitiba, 31 out. 2017c. Disponível em: <https://arquivo2011.aen.pr.gov.br/Noticia/Celebracao-marca-os-500-anos-da-Reforma-Protestante>. Acesso em: 4 abr. 2024.*

CHADE, Jamil. Reforma Protestante: 500 anos depois, racha dá lugar ao diálogo. *Estadão, São Paulo, 29 out. 2017. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/reforma-protestante-500-anos-depois-racha-da-lugar-ao-dialogo/>. Acesso em: 27 abr. 2024.*

CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1986.

COMEMORAÇÕES dos 500 anos da Reforma Luterana. *Portal Cordero Virtual, Cordeirópolis, 3 out. 2017. Disponível em: <https://cordeiropolis.corderovirtual.com.br/noticias/10802/religiao/comemoracoes-dos-500-anos-da-reforma-luterana>. Acesso em: 27 abr. 2024.*

CONFERÊNCIA comemora em Natal 500 anos da Reforma Protestante. *G1 RN, Natal, 20 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/conferencia-comemora-em-natal-500-anos-da-reforma-protestante.ghtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.*

CORAL de 500 vozes será o destaque do 29º Com VocaÇÃO. *UniEVANGÉLICA, Anápolis, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www4.unievangelica.edu.br/noticia/6112-coral-de-500-vozes-sera-o-destaque-do-29o-com-vocacao>. Acesso em: 27 abr. 2024.*

CULTO de Celebração comemora os 500 anos da Reforma Protestante. *Jornal da Paraíba, João Pessoa, 31 out. 2017. Disponível em: https://jornaldaparaiba.com.br/cotidiano/vida_urbana/culto-de-celebracao-comemora-os-500-anos-da-reforma-protestante/ Acesso em: 27 abr. 2024.*

FESTEJOS dos 500 anos da Reforma são apresentados à imprensa gaúcha. *Mensageiro Luterano, Porto Alegre, 21 set. 2017. Disponível em: <https://www.ielb.org.br/noticias/visualizar/4841/politica-de-privacidade&r=1>. Acesso em: 24 jun. 2023.*

FLORENTIN, Cláudia. Assembleia Geral do CONIC: celebramos conjuntamente os 500 anos da reforma e vivenciamos a comunhão ecumênica. *Agência Ecumênica de Comunicação da América Latina e do Caribe, Buenos Aires, 28 ago. 2017. Disponível em: <https://alc-noticias.net/bp/2017/08/28/assembleia-geral-do-conic-celebramos-conjuntamente-os-500-anos-da-reforma-e-vivenciamos-a-comunhao-ecumenica/> Acesso em: 27 abr. 2024.*

FRESTON, Paul. *Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, Campinas, 1993.*

GARCIA, Janaina. Igreja evangélica mais antiga de SP defende reforma política e rechaça “político pastor”. *Uol, [São Paulo], 31 out. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/10/31/igreja-evangelica-mais-antiga-de-sp-defende-reforma-politica-e-rechaca-politico-pastor.htm>. Acesso em: 24 jun. 2023.*

GRASCHBERGER, Antonia. [Selo 500 anos da reforma]. In: *500 ANOS da reforma protestante: selo comemorativo. Collect Prime, [s. l.], 13 nov. 2018. Disponível em: <https://collectprime.com/blog/500-anos-da-reforma-protestante-selo-comemorativo/> Acesso em: 24 jun. 2023.*

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001. p. 969-975.*

HAN, Christina. *A Historical Overview of the Impact of the Reformation on East Asia*. *Consensus, Canadá*, v. 38, p. 1-28, 2017. Disponível em: <http://scholars.wlu.ca/consensus/vol38/iss1/4>. Acesso em: 24 jun. 2023.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

IBGE. *Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 24/06/2023.

ITANHANGÁ. *Lei nº 428/2017. Estabelece feriado municipal o "Dia da Reforma Protestante"*. Itanhanga: Câmara municipal, 24 out. 2017. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mt/i/itanhanga/lei-ordinaria/2017/43/428/lei-ordinaria-n-428-2017-estabelece-feriado-municipal-o-dia-da-reforma-protestante>. Acesso em: 27 abr. 2024.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2013. p. 485-499.

LENCLUD, Gérard. A tradição não é mais o que era... Sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia. *História, histórias, Brasília*, v. 1, n. 1, p. 148-163, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10713/9408> Acesso em: 1 set. 2023.

LIÇÕES: Revista de Ensino e Pesquisa. São Leopoldo, v. 30, n. 30, jan./jul. 2017. Disponível em: https://redesinodal.com.br/mobile/wp-content/uploads/2021/03/revista_licoes_30.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

LOPES, Leiliane. Expo Renault de Curitiba receberá celebração dos 500 anos da Reforma Protestante. *JM Notícias*, [s. l.], 17 out. 2017. Disponível em: <https://jmnoticia.com.br/expo-renault-de-curitiba-recebera-celebracao-dos-500-anos-da-reforma-protestante/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

LUTERO: 500 anos da Reforma. *Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro*, 2017. *Catálogo de exposição*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/lutero-500-anos-da-reforma/> Acesso em: 27 abr. 2024.

MACKENZIE. *Mackenzie inaugura exposição sobre os 500 anos da Reforma Protestante*. São Paulo: Mackenzie, 6 out. 2017. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/noticias/artigo/n/a/i/mackenzie-inaugura-exposicao-sobre-os-500-anos-da-reforma-protestante>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas, Porto Alegre*, v. 3, n. 1, p. 111-125, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/112>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARQUES, Adriana. *Seminário Internacional sobre a Reforma inicia nesta semana*. *Ulbra, Torres*, 23 abr. 2017. Disponível em: <https://www.ulbra.br/torres/impressao/noticia/23333/seminario-internacional-sobre-a-reforma-inicia-nesta-semana>. Acesso em: 27 abr. 2024.

MORAES, Renata. Celebração Ecumênica marca os 500 anos da reforma protestante. Arquidiocese de São Paulo, São Paulo, 2 maio 2017. Disponível em: <https://arquisp.org.br/celebracao-ecumenica-marca-os-500-anos-da-reforma-protestante>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MOVIMENTO e programação especial marcarão comemorações dos 500 Anos da Reforma Protestante em Erechim. *Atmosfera, Erechim*, 3 out. 2017. Disponível em: <https://www.atmosferaonline.com.br/conpai-e-as-comemoracoes-dos-500-anos-da-reforma-protestante-em-erechim/>. Acesso em: 27 abr. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História, São Paulo*, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 6 jul. 2023.

NUNES, Jade. Aniversário da Reforma é celebrado no Rio de Janeiro. *Pleno News, São Cristóvão*, 24 set. 2017. Disponível em: <https://pleno.news/fe/escola-dominical/aniversario-da-reforma-e-celebrado-no-rio-de-janeiro.html>. Acesso em: 27 abr. 2024.

OLIVER, Erna; OLIVER, Willem. An African Reformation. *HTS Theologiese Studies Theological Studies, África do Sul*, v. 73, n. 3, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/hts.v73i3.4386>. Acesso em: 24 jun. 2023.

OZOUF, Mona. A Festa: sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 216-232.

PIERUCCI, Antônio Flávio, PRANDI, Reginaldo (org.). *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? *Tempo Social, São Paulo*, v. 29, n. 2, p. 187-214, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/110052>. Acesso em: 7 jul. 2023.

PRANGE, Astrid. Se Lutero vivesse hoje, criticaria os pentecostais. Entrevista com pastor Cláudio Kupka. *Uol, [São Paulo]*, 25 maio 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/05/25/se-lutero-vivesse-hoje-criticaria-os-pentecostais.htm>. Acesso em: 24 jun. 2023.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis; MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. *Opinião Pública, Campinas*, v. 24, n. 3, p. 486-522, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/fb7t4KkpVsJfvHwgLnf3wxS/#>. Acesso em: 5 abr. 2024.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIO celebra os 500 anos da Reforma Protestante. Terra, São Paulo, 18 out. 2017. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/rio-celebra-os-500-anos-da-reforma-protestante,77c151ed7ed53b6c6aa283afd23d5db0ljhn36g.html> Acesso em: 27 abr. 2024.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa de São Paulo. 71ª Sessão Solene da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. São Paulo: ALESP, 30 out. 2017. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/alesp/sessao-plenaria/?id=129318> Acesso em: 27 abr. 2024.

SEIBERT, Erní Walter. O legado de Lutero. *Veja*, São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/o-legado-de-lutero>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (org.). *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico*. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. *Religião e Política no Brasil. Latinoamérica, México*, n. 64, p. 223-256, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/640/64052713009.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2023.

SILVEIRA, Pedro Telles da. Da história instantânea ao arquivo infinito: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA). *Faces da História, Assis*, v. 3, n. 1, p. 24-42, 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/304>. Acesso em: 5 maio 2023.

SOUZA, Carlos Henrique Pereira de. O protestantismo histórico, neopentecostalismo e o “caldo” cultural pós-moderno”. *Observatório da Religião, Belém*, v. 1, n. 2, p. 145-179, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/563>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOUZA, Maria das Graças de; NUNES, Silvio Gabriel Serrano. *Jornada Religião e Política – 500 anos da Reforma Protestante (1517- 2017)*. São Paulo: Departamento de Filosofia USP, 2017. Disponível em: <https://filosofia.fflch.usp.br/eventos/1103>. Acesso em: 27 abr. 2024.

TEIXEIRA, Everton. Grande festividade celebrará os 62 Anos da Assembleia de Deus em Coruripe. *AD Alagoas, Maceió*, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://adalagoas.com.br/noticias/11947/grande-festividade-celebrara-os-62-anos-da-assembleia-de-deus-em-coruripe> Acesso em: 27 abr. 2024.

TOSI, Giuseppe. Religião e política: três possíveis relações. *Religare, João Pessoa*, v. 15, n. 2, p. 382-421, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/44047>. Acesso em: 3 set. 2023.

VALERIUS, Marcius. Câmara Municipal celebra 500 anos da reforma protestante. *Câmara Municipal de Natal, Natal*, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://www.cmnat.rn.gov.br/noticias/532/cmara-municipal-celebra-500-anos-da-reforma-protestante> Acesso em: 27 abr. 2024.

VON SINNER, Rudolf. Sobre a excomunhão de Lutero e sua possível revogação. *Caminhos de Diálogo, Curitiba*, n. 10, p. 98-114, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/25280/23636>. Acesso em: 4 abr. 2024.

WILLAIME, Jean-Paul. Que signifie commémorer la Réforme? *Études Revue de Culture Contemporaine, Paris*, n. 4234, p. 33-44, 2017. Disponível em: <https://www.revue-etudes.com/article/que-signifie-commemorer-la-reforme/18205>. Acesso em: 10 ago. 2023.

WOLF, Elias. A hermenêutica ecumênica da fé cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero. *Perspectiva Teológica, Belo Horizonte*, v. 49, n. 1, p. 101-125, 2017. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3693/3774>. Acesso em: 4 abr. 2024.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa que resultou neste artigo foi produzida durante o Estágio Pós-doutoral, realizado na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis/SP. Agradeço imensamente à prof.^a Dr.^a Zélia Lopes da Silva, profissional exemplar, pela supervisão no pós-doutorado e pelos preciosos ensinamentos conferidos durante minha formação desde a graduação.

Notas

1 Professor na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Doutorado e pós-doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

<https://orcid.org/0000-0002-2764-5840>

2 A IECLB foi fundada em 1864 e a IELB em 1900. As duas igrejas professam a mesma fé da Reforma de Lutero, porém, com diferenças na estrutura e nas práticas pastorais, como por exemplo a ordenação de pastoras, o que é permitido pela IECLB e rechaçado pela IELB.

3 É válido lembrar que a maioria das igrejas evangélicas não se organiza em hierarquia como o catolicismo, sendo que muitas são congregacionais, independentes ou locais, o que dificulta a adoção de uma diretriz nacional única.

4 Para os quais valem as observações metodológicas feitas no final da introdução.

5 A amostragem selecionada para o quadro privilegiou os tipos diferentes de festejos e solenidades, considerando também sua distribuição espacial. O número de eventos localizados, porém, é infinitamente maior.

6 Como já informado, o quadro 1 é constituído por uma amostragem dos tipos de comemoração. A quantidade de eventos realizada é expressivamente maior. Assim, nem todos os eventos citados estão listados no quadro.

7 Afora as reflexões confessionais, diversas investidas seculares em edições especiais de jornais, revistas, exposições, etc. foram produzidas no Brasil de 2017. Dados os limites do artigo, não as abordaremos aqui, mas o leitor pode conferir em: Seibert (2017), ([Católicos \[...\], 2017](#)), Chade (2017), entre outros.

8 Trata-se de ações que perpassaram diversos livros, revistas, programas televisivos, radiofônicos e produções na internet.

9 Se na Europa o ciclo de comemorações contemplava Calvino (2009), Lutero (2017) e Zuínglio (2019), o que demarcava datas específicas para cada reformador (Willaime, 2017), no Brasil todos os holofotes estiveram voltados para a Reforma de 1517, implicando em certa dubiedade sobre a data ser alusiva ao ato de Lutero de modo mais restrito ou ao protestantismo em geral.

10 Existe certa variedade de nomenclaturas para designar as divisões das igrejas evangélicas. As de confissão Luterana, Presbiteriana, Batista, Metodista e Anglicana fazem parte do chamado protestantismo histórico, tradicional ou, conforme o Censo/IBGE, de missão (aquele que se identifica com os fundamentos teológicos da Reforma do século XVI). Já as igrejas Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, O Brasil Para Cristo e Casa da Benção, entre outras, são classificadas como “pentecostais” (derivam do movimento de “reavivamento” ocorrido nos EUA, no começo do séc. XX). O selo “neopentecostal” (associado à “teologia da prosperidade”), por sua vez, é remetido a igrejas como Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo e Mundial do Poder de Deus, entre outras. Há ainda, conforme o IBGE, um conjunto que é classificado como “evangélicos não determinados”, composto por denominações que não se reconhecem nas demais linhagens existentes. Para informações mais detalhadas sobre as diferenças entre essas confissões religiosas, ver: Freston (1993), Mariano (1999), Campos (2011), Brandão e Jorge (2019).

11 Importante esclarecer que essas igrejas possuem divisões internas e que, em geral, foi o ramo tradicional das mesmas que abraçou as comemorações com maior afinco. No caso da Igreja Presbiteriana, por exemplo, dividida em Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente, Presbiteriana Renovada e Presbiteriana Unida, encontramos referências de ações aclamativas principalmente da primeira.

12 Entende-se tradição, vale frisar, no sentido de invenção, apropriação, transformação e não de redescoberta e preservação intacta do passado. Ver Hobsbawm (2012) e Lenclud (2013), por exemplo.

13 Não é demais lembrar que de 2000 a 2010, enquanto outros ramos evangélicos se expandiram, o protestantismo histórico manteve o mesmo percentual de adeptos, correspondente a 4,1% da população. (IBGE, 2010)

14 É oportuno assinalar que a referida Frente Parlamentar não formaria unidade monolítica no período. Na atualidade, suas diferenças se tornariam mais visíveis com iniciativas como a “Bancada Evangélica Popular”, que se apresenta como contraponto às diretrizes políticas da “Bancada Evangélica”.